

DISRUPTURAS DISCURSIVAS: A COMUNICAÇÃO E A ARTE COMO POLÍTICAS DE APARIÇÃO DE VIDAS QUE IMPORTAM

Reginaldo Moreira
*Docente do Departamento de Comunicação
da Universidade Estadual de Londrina (UEL)*
regismoreira@uel.br

Área: ST 04: Arte, Gênero E Sexualidade: Gramáticas De Resistência E Existências

Dissidentes

RESUMO

A ruptura discursiva dos LGBTIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Intersexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Assexuais) e Queers, é uma necessidade na política de aparições preconizada por Judith Butler, na construção de narrativas contra hegemônicas, que se oponham ao mundo constituído pelo império heterossexual, capitalista, neoliberal e necropolítico. A construção de novas possibilidades de aparição, protagonizadas por corpos subalternizados, traz para as cenas dos jogos políticos, novas possibilidades de outros mundos, em que todas as vidas valham, em que todos os corpos importem e sejam vidas vivíveis. Os processos comunicacionais e artísticos produzidos por e para as próprias pessoas LGBTIA+ e Queers, amplia a diversidade de narrativas constitutivas de outros modos de (re)existência dos corpos que vivem nas trincheiras, proporcionam disputas narrativas fundamentais para subversões das lógicas das valorações de quais vidas importam. A comunicação popular, comunitária, midiativista, midiativista, democrática e participativa, tensiona o cis-tema e produz efeitos disruptivos, em que essas vidas possam proclamar suas existências, a partir do que vivenciam em suas próprias peles. Para isso, o artigo traz uma discussão a partir de autores sobre sexualidade e gênero; transversalizados com conceitos da comunicação contra hegemônica; a partir da proposta metodológica da Cartografia Sentimental. Como resultado, o artigo apresenta algumas propostas comunicacionais e artísticas produzidas por travestis e mulheres transexuais, da cidade de Londrina/PR, e pela artista Linn da Quebrada.

Palavras-chave: Comunicação, Arte, Travestis, Mulheres Transexuais, Mídia.

ABSTRAT

The discursive disruption of LGBTIA+ (Lesbians, Gays, Bisexuals, Intersex, Transgenders, Transvestites, Transsexuals, Asexuals) and Queers is a necessity in the politics of apparitions advocated by Judith Butler, in the construction of counter-hegemonic narratives that oppose the constituted world by the heterosexual, capitalist, neoliberal and necropolitical empire. The construction of new possibilities of apparition, protagonists by subalternized bodies, brings to the scenes of political games, new possibilities of other worlds, in which all lives are worth, in which all bodies matter and

are livable lives. The communicational and artistic processes produced by and for the LGBTIA+ and Queers themselves, expands the diversity of constitutive narratives of other modes of (re)existence of the bodies that live in the trenches, provide fundamental narrative disputes for subversions of the logics of the valuations of which lives care. Popular, community, mediativist, media-living, democratic and participatory communication tensions the cis-theme and produces disruptive effects, in which these lives can proclaim their existence, based on what they experience in their own skins. For this, the article brings a discussion from authors about sexuality and gender; transversalized with concepts of communication against hegemonic; from the methodological proposal of Sentimental Cartography. As a result, the article presents some communicational and artistic proposals produced by transvestites and transsexual women, from the city of Londrina/PR, and by the artist Linn da Quebrada.

Keywords: Communication, Art, Transvestites, Transsexual Women, Media.

INTRODUÇÃO

Diante do cenário de guerra

No país em que mais se assassina a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) e Queer no mundo, especialmente as travestis e mulheres transexuais, com rituais de violência e crimes de ódio, cuja expectativa de vida está na casa dos 35 anos de vida, a arte e o midiativismo (BENTES, 2018) tem sido dispositivos fundamentais de resistências, políticas de aparições (BUTLER, 2020) e estratégias de disrupturas discursivas (BUTLER, 2020).


Os assassinatos estão ligados à lógicas da passividade (SAEZ & CARRASCOSA, 2016) numa sociedade que categoriza, classifica, disciplina, vigia e pune, com diversas tecnologias de exclusão e negações de direitos, corpos que não se enquadram aos padrões preconizados como normais, numa lógica normatizadora, que no caso do Brasil, é herança da colonização sobre os nossos corpos, que desde a invasão dos portugueses foram vistos como selvagens, relatados na carta de Pero Vaz de Caminha à Coroa, justificando a invasão das terras, mesmo que habitada pelos povos originários, pelas premissas da civilização. Em outras palavras e no que tange à sexualidade e ao gênero, nem homens e mulheres os corpos originários foram considerados pelos invasores, mas selvagens, que necessitavam se enquadrar nos moldes europeus, cristãos e brancos, para a partir daí conseguiram almejar à categorização de homens e mulheres. Em nome disso, muito se matou historicamente, primeiro pela colonização e posteriormente pela inquisição, numa tentativa de encaixotar os corpos que consideraram dissidentes, dissonantes, mais ou

menos humano, inumano, humanamente inconcebível: os corpos abjetos (BUTLER, 2020).


A produção do humanamente inconcebível, inumana, justifica, aos olhos colonizadores e inquisidores, ainda hoje em processo de extermínio contra os corpos que julgam, classificam e punem, impedindo de terem vidas dignas de serem vivíveis, e quando morrem, dignas de luto (BUTLER, 2019). A lógica do extermínio está ligada, para além da generificação dos corpos, mas na aparência destes corpos não passáveis como homens e mulheres. A lógica da passividade (SAEZ & CARRASCOSA, 2016) é o parâmetro binário da sociedade do imperativo heterossexual, da sociedade cis-heteronormativa. Para além das identidades LGBTIA+, o que se nega, é o direito à performatividade de gênero e suas performances diversas (BUTLER, 2020). Para essa sociedade, tudo o que se assemelha às lógicas da passividade, da feminilidade, são indignas de vida plena. O cu é o grande patrimônio da heteronorma das masculinidades hegemônicas, sobre o qual se constroem as políticas de preservação das pregas frágeis de uma sexualidade mal resolvida e hipócrita (SAEZ & CARRASCOSA, 2016). Mata-se os corpos, não pelo fato de serem LGBTs, mas pelo fato de traírem a sociedade machista patriarcal e negarem suas masculinidades ou feminilidades hegemônicas, de acordo com as normas estabelecidas. Não é raro encontrarmos expressões como “pode ser viado, mas não precisa dar pinta”, “seja discreto” e esse discreto traz em si toda uma rede de significações das lógicas amedrontadoras da passividade, que a norma impõe. A norma é machista e patriarcal.

E nome da preservação desse cu inviolável, mata-se e também se morre, basta ver o alto índices de câncer da próstata ainda presente, por insegurança de homens que temem o exame do toque. É a partir desse terror que se aumenta as tecnologias de violência contra os corpos que performam suas feminilidades, como das travestis, mulheres transexuais e das bichinhas pintosas, que são consideradas passivas, mesmo que muitas vezes sejam as ativas da relação sexual, principalmente com os clientes que procuram as travestis e mulheres trans para ser os passivos da relação, a mulher de pau, como bem relata Linn da Quebrada em sua música BlasFêmea:

De noite pelas calçadas
Andando de esquina em esquina
Não é homem nem mulher
É uma trava feminina
Parou entre uns edifícios, mostrou todos os seus orifícios
Ela é diva da sarjeta, o seu corpo é uma ocupação



É favela, garagem, esgoto e pro seu desgosto
Tá sempre em desconstrução
Nas ruas, pelas surdinas é onde faz o seu salário
Aluga o corpo a pobre, rico, endividado, milionário
Não tem Deus nem pátria amada
Nem marido, nem patrão
O medo aqui não faz parte do seu vil vocabulário
Ela é tão singular
Só se contenta com plurais
Ela não quer pau
Ela quer paz
Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho
Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho
Mulher
Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho
Seu segredo ignorado por todos e até pelo espelho
Mulher
Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher
Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher
Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher
Mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher, mulher
Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há dez
mulheres para cada uma
E uma mulher é sempre uma mulher
Nem sempre há um homem para uma mulher, mas há dez
mulheres para cada um
E uma, e mais uma, e mais uma, e mais uma, e mais outra
mulher
E outra mulher
E outra mulher
E outra mulher
E outra mulher
É sempre uma mulher?
É sempre uma mulher?
É sempre uma mulher?
É sempre uma mulher?
Ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher
Ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o pau de mulher!
Ela tem cara de mulher, ela tem corpo de mulher
Ela tem jeito, tem bunda, tem peito e o pau de mulher!
Afinal
Ela é feita pra sangrar
Pra entrar é só cuspir
E se pagar, ela dá para qualquer um
Mas só se pagar, hein, que ela dá, viu, para qualquer um
Então eu, eu
Bato palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia conquistar o seu direito de viver e brilhar
Batam palmas para as travestis que lutam para existir
E a cada dia batalhando, conquistar o seu direito de
Viver e brilhar, e arrasar
Viver e brilhar, e arrasar
Viver e brilhar, e arrasar



Viver e brilhar, e arrasar
É amapô de carne e osso, silicone industrial
Navalha na boca, calcinha de fio dental
Ela é amapô de carne e osso, silicone industrial
Navalha na boca, calcinha de fio dental
Ela é amapô de carne e osso, silicone industrial
Navalha, navalha-valha, navalha, navalha-valha
Navalha, navalha-valha, navalha, navalha-valha
Navalha na boca e calcinha de fio dental
Tô correndo de homem
Eu tô correndo de homem
Homem que consome, só come e some
Homem que consome, só come, fudeu e some
Eu tô correndo de homem
Eu tô correndo de homem
Homem que consome, só come e some
Homem que consome, só come, fudeu e some
Eu tô correndo de homem
Eu tô correndo de homem
Homem que consome, só come e some
Homem que consome, só come, fudeu e some
Some
Some
Some
Some
Some

Em nome da tradicional família brasileira, a partir das imposições binárias da sexualidade somente a serviço das lógicas de reprodução para manutenção das dinâmicas de poder perpetuadas e reatualizadas desde o descobrimento do sexo do feto, mesmo antes de seu nascimento, os corpos que não atendem a essas determinações são punidos, principalmente corpos negros, periféricos, pois na interseccionalidade dos dados, cerca de 70% dos corpos exterminados são negros, tanto de travestis, mulheres transexuais, mulheres e jovens negros das quebradas. Os corpos não inteligíveis (BUTLER, 2020) são interseccionados por raça, etnia, classe, localização geopolítica.

O artigo apresenta objetiva dar visibilidades a produções artísticas e de comunicação contra hegemônicas, realizadas pelas pessoas que mais sofrem fobia e as que mais são violentadas socialmente: as travestis e mulheres transexuais. As novas possibilidades de narrativa fazer emergir produções de ou possibilidades de disrupturas discursivas por meio das produções comunitárias de comunicação e arte, desvelando a necessidade das políticas de aparição, preconizadas por Judith Butler (2020), que se oponham ao mundo constituído pelo império heterossexual, capitalista, neoliberal e necropolítico. A construção de novas possibilidades de aparição, protagonizadas por

corpes subalternizados, traz para as cenas dos jogos políticos, novas possibilidades de outros mundos, em que todas as vidas valham, em que todes os corpes importem e sejam vidas vivíveis.

Os processos comunicacionais e artísticos produzidos por e para as próprias pessoas T, como público principal, tendo como público agregado os LGBTIA+, Queers, amigos, familiares e pessoas em geral, que se interessam por um outro mundo possível, em que os direitos humanos sejam decolonizados, para além daqueles preconizados no pós-guerra por homens brancos e europeus, em que o conceito de humano sejam revistos e ampliados a todes os corpes, para além daqueles validados pela norma. A ampliação da diversidade de narrativas constitutivas de outros modos de (re)existência dos corpes que vivem nas trincheiras, proporcionam disputas narrativas fundamentais para subversões das lógicas das valorações de quais vidas importam.

A esta comunicação contra hegemônica, popular, comunitária, midiativista, midialivrista, democrática e participativa, produzida pelas travestis e mulheres transexuais, denomino de midiatravismo, pois coloca as pessoas T como protagonistas dos processos comunicacionais contrários às lógicas capitalísticas das mídias mercadológicas, subvertendo as lógicas dos corpos matáveis, para a produção de corpos potentes e por vidas vivíveis. A arte e a comunicação como processos de protagonismos e cidadanias são concebidos enquanto direito, ressaltando os aspectos emancipadores às pessoas historicamente subalternizadas, como as travestis e mulheres trans.

Para tanto, apresento o programa de webrádio “É Babado, Kyruda!”, realizados em podcasts; a série de documentários “Meu amor Londrina é trans e travesti”, ambos realizados por travestis e mulheres trans participantes do Coletivo ElityTrans, da cidade de Londrina. Além deles, trago para a cena as potencialidades diversas de arte e comunicação produzidos pela artista Linn da Quebrada. Essas produções tensionam o sistema e produzem efeitos disruptivos, em que essas vidas possam proclamar suas existências, a partir do que vivenciam em suas próprias peles.

Historicamente as pessoas LGBT no Brasil tiveram seus registros retratados e representados nos autos de processos policiais, em que eram enquadrados como criminosos. Ao mesmo tempo, a medicina utilizava de métodos imprecisos e experimentações questionáveis, para os enquadrar como patológicos. (JAMES GREEN, ANO...) Somente em 1990, a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 2018, foi realocado do capítulo de

“transtornos mentais de identidade de gênero” para “condições relativas à saúde mental”. A transexualidade, foi retirada da classificação como transtorno mental, da 11ª versão da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde (CID), para integrar o de “condições relacionadas à saúde sexual”, porém ainda foi classificada como “incongruência de gênero”, somente no ano de 2019.

Essas representações históricas do aparato jurídico-policial e medicinal, mostram os processos de invisibilização da população das travestis e mulheres transexuais, em que era classificados como homossexuais masculinos afeminados. Esses registros são constituídos por estigmatizações múltiplas, com intuito de as criminalizar, classificando-as como doentes, perigosos, vidas que valem menos ou nada valem.

A interseccionalidade sempre foi parâmetro para os enquadramentos históricos brasileiros, uma vez que as experimentações da medicina e as intervenções jurídico-policiais deram-se junto à população empobrecida. Os LGBT ricos eram poupados e protegidos dos deploráveis métodos empregados. Os LGBT sempre foram e continuam a ser representados de forma estigmatizada pela imprensa capitalística, mercantilista, elitizada. Os olhares verticais sobre essa população corroboram para perpetuação de preconceitos e discriminações (GREEN & POLITO, 2006).

Foi durante a ditadura militar, no final dos anos 70, é que começaram a surgir poucas iniciativas de colunas na grande imprensa e parques boletins gays. Foi com a fundação do jornal Lampião de Esquina, em 1978, logo após o AI-5 (Ato Institucional no. 5), durante a ditadura militar, que um grupo de homossexuais conseguiu consolidar um periódico mensal, que trazia pontos de vista da população homossexual, tendo como público-alvo também os homossexuais.

Mesmo com esta conquista histórica de representação e representatividade LGBT, não localizamos entre seus editores a participação de travestis e mulheres transexuais, sendo mais uma vez excluídas. Além disso, quando se tornavam pauta desse mesmo jornal, muitas vezes eram tratadas no masculino e com uma linguagem estigmatizada, que pouco se diferenciava de outras mídias.

DESENVOLVIMENTO

As disrupturas discursivas T

Os podcasts, vídeos, músicas, programas de televisão, teatro, performances, redes sociais – enfim, todo aparato de comunicação e arte contra hegemônica – que vem sendo produzidos pelas travestis e mulheres transexuais, apresentam tensionamentos e

promovem rupturas discursivas necessárias, que possibilitassem construções de outros mundos, em que as T possam ser representadas por elas mesmas. Tais produções revelam a importância destas pessoas na construção das cidades, das cidadanias, uma vez que denunciam as violências necropolíticas e revelam suas potencialidades existenciais das vidas que resistem.

As forças políticas, éticas, queers e decoloniais promovem outras possibilidades nos modos de fazer da comunicação e arte, muito além de simples ferramentas, mas potencializam existências T, suas coletividades e movimentos sociais, por meio da criação de discursividades disruptivas, uma vez que as narrativas são criadas por quem as vivencia na própria pele, na própria história.

É Babado, Kyrida!: podcasts de travestis para travestis

Os podcasts “É Babado, Kyrida!”, produzidos pelo Coletivo ElityTrans nos anos de 2017 a 2019, na cidade Londrina/PR, revelam os pontos de vista da população T sobre o mundo, na abordagem das mais variadas pautas. De maneira participativa e democrática os programas foram criados, desde os gêneros e formatos jornalísticos, a veiculação radiofônica, em parceria com a emissora web Rádio Alma Londrina (<https://almalondrina.com.br/programas/babado-kyrida/>).

Os podcasts foram compostos por diversos quadros e músicas. O quadro de esclarecimentos sobre assuntos relativos à população de homens e mulheres transexuais e travestis, recebeu o nome de “É bafo, Mona”. O quadro de denúncias da população trans, foi batizado de “Bota a Cara no Sol”. As dicas foram intituladas por “Almanaka”. Já a língua Pajubá, traduzida para a população, levou o nome de “Nossa Língua Pajubá”. O “Minuto Trans”, trouxe depoimentos sobre os processos de transformação do corpo e da vida de uma pessoa travesti e transexual. Histórias da vida real foram transformadas em radionovela, no quadro “O Exagero de La Piele”. “Sarau no ar” revelou a produção poética trans. As enquetes receberam o nome “Da esquina”, e a entrevista chamou-se “Aquenda”.

Nos treze podcasts produzidos, as pautas discutidas sempre foram combativas e deram visibilidade aos pontos de vista das travestis e mulheres transexuais, na construção de uma sociedade plural e diversa. Todos os podcasts contam com trilha sonora, preferencialmente, de artistas da comunidade LGBTIA+, que tragam as discussões debatidas nas letras das canções, compondo assim a mensagem desejada pelas produtoras. Abaixo, relaciono as datas de veiculação dos programas, tema central e seus conteúdos:

- Desabrocha o primeiro programa do É Babado, Kyrida!: veiculado em 19 de junho de 2018, o podcast de estreia tratou da história do início do movimento LGBT e da importância do protagonismo travesti nesse processo; da falta de respeito ao nome social nos atendimentos das unidades básicas de saúde e os desafios na garantia do direito ao nome social.

- O segundo programa chegou cheio de Pajubá: foi ao ar 03 de julho de 2018 e comemorou e problematizou a retirada da Transexualidade como doença mental no novo caderno CID-11 (Código Internacional de Doenças), da Organização Mundial da Saúde (OMS); traduziu alguns verbetes do Pajubá e apresentou uma história do processo de transição de uma jovem travesti.

- Exageros à flor da pele, com drama, cultura e humor: datado de 17 de julho de 2018, o programa levou ao ar uma radionovela T, que questionava os violentos sacrifícios, que muitas vezes se faz para atender os padrões do cliente/parceiro; além de um sarau poético.

- Política artística, do escândalo, da existência: foi ao ar em 31 de julho de 2018, trata a Saúde Integral e Direitos, acompanhado de uma enquete sobre a compreensão que a população tem sobre saúde.

- Direitos, respeito e percalços em pauta: veiculado em 13 de agosto de 2018, trouxe como conteúdo um panorama geral dos direitos das travestis e pessoas trans, inclusive na educação formal; uma abordagem sobre os direitos reprodutivos, e as dificuldades de uma pessoa não binária.

- Paradas do orgulho LGBTI+: publicado em 29 de agosto de 2018, abordou as Paradas LGBTI+, debatendo a importância da criação da Parada do Orgulho Trans, além de ter apresentado um depoimento sobre descoberta e processo de transicionamento.

- Cultura trans e protagonismo: datado de 10 de setembro de 2018, apresentou a arte como forma de resistir, e trouxe ao público mais um capítulo da radionovela, além de uma experiência do Transarau, originado no Cursinho Popular TransFormação, da cidade de São Paulo, que originou o livro Antologia Trans.

- Como assim você é hétero?: veiculado em 25 de setembro de 2018, o programa questionou os imperativos heteronormativos e apresentou uma entrevista com a presidenta da Associação Nacional das Travestis e Transexuais (ANTRA).

- Escola e corações partidos: foi ao ar em 20 de novembro de 2018, debatendo a política na educação da “Escola sem Partido” e a “Ideologia de Gênero”.

- Para além da família tradicional: veiculado em 4 de dezembro de 2018, o décimo programa trouxe Família, Gênero e Amor como temáticas, para além dos conceitos da família nuclear, considerada tradicional.

- Estamos de volta, bebê!: foi publicado em 24 de maio de 2019, em que as locutoras relataram a participação no II Simpósio Internacional de Narrativas de Gênero e Política, que aconteceu em Belo Horizonte; além da apresentação na Reunião Nacional dos Observatórios de Pesquisa e Educação e em Saúde, em São Paulo, onde também tiveram a oportunidade de participar da gravação do Especial de Natal do Cultura Livre, com as cantoras com Liniker, Xênia França e Letrux.

- Megg Rayara: travesti, negra e doutora: veiculado em 19 de junho de 2019, o podcast entrevistou a primeira travesti negra a obter o título de doutora pela Universidade Federal do Paraná, Megg Rayara Gomes de Oliveira.

- Especial Juhlia Santos: marca a última vez eu o programa foi ao ar, em 4 de julho de 2019. O programa foi um especial com a atriz, travesti, negra, militante de movimentos sociais, produtora cultural, da cidade de Belo Horizonte, Juhlia Santos. Entre tantas temáticas, destacou-se a importância do transfeminismo e da dororidade.

Meu amor, Londrina é trans e travesti: o videodocumentário como reparação histórica

Os documentários “Meu amor, Londrina é trans e travesti”, tiveram como meta a reparação histórica na representação a representatividade da população T no campo comunicacional, reivindicando o lugar do pioneirismo da cidade do norte do Paraná, fundada há 86 anos. O projeto foi composto por cinco vídeos das ativistas Melissa Campus, Edison Bezerra (Minibi Balesteiros), Vanessa Murça, Christiane Lemes e Marla Rocha, como também por um documentário geral, que agrega as cinco narrativas. A realização dos documentários revelam histórias do início da luta pelos direitos das T, deixando registrado o legado das primeiras ativistas da cidade.

Os documentários foram produzidos em três anos, de forma participativa e democrática, a partir do Projeto de Extensão Universitária “Plataformas Digitais: a produção comunitária de novas narrativas alternativas ao discurso hegemônico, como dispositivo de produção de novos sentidos”, que compõe o Observatório de Políticas Públicas e Educação em Saúde. Fizeram parte deste processo, estudantes da graduação e especialização em Comunicação Popular e Comunitária, nas oficinas e práticas laboratoriais da Universidade Estadual de Londrina, ministrados pelo Professor

Reginaldo Moreira. Em todo processo de criação, tivemos a participação de cerca de trinta pessoas envolvidas, que participaram de maneira intensa e rodiziada nas funções de produtores, cinegrafistas, roteiristas e editores.

A diretora, idealizadora e ativista, Christiane Lemes, esteve presente durante todo processo de forma ativa, fazendo com que a equipe pudesse traduzir seus desejos e os do movimento social, para a linguagem audiovisual. Assim, em dezembro de 2019, numa das salas do Centro de Educação, Comunicação e Artes, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), foi lançado o documentário completo, numa sessão aberta à toda comunidade. Ao final da exibição aconteceu um debate do público com algumas das travestis participantes. No ano seguinte, no dia 29 de janeiro de 2020, o Coletivo ElityTrans lançou os outros cinco mini documentários nas plataformas digitais e redes sociais, em comemoração ao Dia Nacional da Visibilidade Trans. Os filmes estão hospedados no YouTube e podem ser acessados por meio dos links:

Christiane Lemes: <https://www.youtube.com/watch?v=e0W05to1XII>

Marla Rocha: <https://www.youtube.com/watch?v=3RI-gEXjLXY&t=19s>

Vanessa Murça: <https://www.youtube.com/watch?v=3z7x08tNZjM>

Melissa Campus: <https://www.youtube.com/watch?v=BCRa0iX3pM8>

Edison Bezerra (Minibi Balesteiros):

<https://www.youtube.com/watch?v=rbOloSg83GM&t=17s>

Documentário completo: https://www.youtube.com/watch?v=cM_DDzZsbZU

A artista Linn da Quebrada

A performatividade da artista dissidente, Linn da Quebrada, no que se refere ao gênero, sexualidade, raça e classe social, vem marcando o cenário nacional desde o surgimento de seu primeiros trabalhos - seja como cantora, compositora, influenciadora digital, performer, atriz, apresentadora - a artista, que se identifica como bixa, preta, travesti, transexual, periférica, da quebrada, e como na identificação queer, que dá nome ao documentário realizado sobre sua vida e obra, uma “bixa travesty”. Neste trâns-ito das performances de sua performatividades (Butler, 2020), numa fluidez que questiona o sistema, por meio de numa criação refinada e na produção de pensamentos, em que se destaca como uma das grandes filosofas da produção do conhecimento dissidente, por meio da arte e da comunicação contra hegemônica. Tamanha potência, é convidada para participar de muitos quadros de entrevistas. Todos esses desenquadramentos dos enquadramentos (BUTLER, 2020), que o sistema capitalista, neoliberal e necropolítico

impõe sobre seu corpo, ela trans-torna, como declara em seu documentário Bixa-Travesty:

Nós somos históricas, né? Nós que somos loucas, mas é claro. Se não nos dão o mínimo possível pra nos mantermos vivas. Nos dão o mínimo ou quase nenhum afeto. Aí nos dizem que nós temos um transtorno de identidade de gênero. Mas nós não vamos dar esse gostinho a vocês. Porque eu não sou louca. Posso estar louca, mas serei o meu próprio trans-tornar. Eu vou continuar me trans-tornando, me movimentando e me tornando tantas outras que já serei o transtorno para as suas teses. Eu serei o transtorno aos termos que vocês criaram. Porque, desculpa, continuamos em obras, vou continuar em obras por muito tempo e o transtorno será todo de vocês, como todo prazer. (Quebrada, documentário Bixa-Travesty, 2018)

Seus dois discos, Pajubá, de 2017 e Trava línguas, de 2020, trazem temáticas das existências da transexualidade e travestilidade para cenários, muito além das páginas policiais, num protagonismo que a coloca como uma das grandes artistas T da contemporaneidade.

Seja como apresentadora, ao lado de Jup do Bairro, do programa de entrevistas Transmissão, veiculado pelo Canal Brasil; seja como atriz na primeira fase da série Segunda Chamada, da Rede Globo; seja em seus cliques, conteúdos para as redes sociais, youtube, Linn é uma usina disparadora de questionamentos, uma vez que se utiliza do complexo midiático mundo mainstream, para subverter as lógicas por dentro, encontrando frestas, furos e dobras, em processos de construção de outros mundos possíveis em que todas as vidas caibam.

Provocadora, sua existência prática disruptiva não quer se prender a padronizações, normalizações e normatizações, e mesmo quando decidiu colocar prótese de silicone em seus peitos, ela dispara em sua rede social Instagram a seguinte mensagem:

passei muito tempo me perguntando se queria ou não colocar meus peitos, se era ou não a hora, por diversas questões. mas dentre elas, eu sempre fui muito apaixonada por mim & pelo meu corpo. nunca entendi ou senti que havia nascido no corpo errado. amo cada transformação, cada mudança, cada movimento, e justamente por isso eu sabia que continuaria me amando ainda mais. eu sentia que precisava me deslocar. transmutar. criar um novo órgão em mim para desorganizar um pouco mais o mundo lá fora. para gerar outras dúvidas. para que tivessem menos certeza. mas principalmente para que eu me olhasse, mais

uma vez, como se não me conhecesse. para que eu fosse outra. transtornar-me. de novo. mudar para ainda assim permanecer a mesma, soh que diferente.

lembro do primeiro dia que com um camiseta, sem revelar muito, mas entregue na sombra & na silhueta, percebi que minha postura estava mudando. senti um peso no plexo solar se aliviando. senti que podia baixar a guarda. senti que não precisava provar nada a ninguém. chorei assim como choro agora. como há mto tempo não chorava. Choro que lava. eu chorei pq me senti livre.

me sinto livre pra não ser nem homem nem mulher. eu posso ser eu.

quem quiser ainda assim me chamar no masculino, que o faça, o peito não garante nada, mas eu sei quem eu soul.

eu soul ela. eu sou travesti. eu amo ser travesti.

eu crio sobre minha própria existência. eu mato & morro para continuar. viva.

os cortes embaixo do meu peito denunciavam. eu matei o junior.

e tudo que eu posso dizer pra vcs eh que eh muuuuito chique ser eu.

(Quebrada, publicação em sua página do Instagram, 2021)

A proposta antimetodológica: Cartografia Sentimental

A produção dos trabalhos de campo e a produção do artigo teve como proposta metodológica, a Cartografia Sentimental, desenvolvida por Suely Rolnik (2007). Tal proposta tem nos afetos a perspectiva de pesquisas, dos pontos de vista, a partir das vistas do ponto, tendo o sensível, o corpo vibrátil e os processos rizomáticos como disparadores de validação de verdades, a partir do que é vivenciado na própria pele. A proposta que Rolnik apresenta, se inspira na Cartografia desenvolvida por Deleuze e Guattari (2005). As políticas de aparição para disrupturas discursivas citadas no artigo, se dão por meio de processos rizomáticos, das afetações e os agenciamentos das travestis e mulheres trans, revelando os eixos norteadores de sentido, as territorializações e desterritorializações, as paisagens psicossociais dos percursos, as conexões, por meio de platôs existenciais. A proposta metodológica possibilita a validação das subjetividades como verdades científicas, a partir dos afetos, dos corpos vibráteis, que produzem sentidos a partir do experimentar na própria vida.

Nestes processos, a construção dos saberes são também militantes, segundo Merhy (2004). Portanto, esta proposta metodológica não se propõe isenta, imparcial e distante, como se esse falso rigor a fortalecesse ou que a verdade científica estivesse atrelada a distanciamentos de um pesquisador não implicado. Para esta pesquisa, a

inserção do pesquisador in-mundo é que valida as verdades dos corpos, tanto das pesquisadas, quanto do meu próprio, numa proposta contra hegemônica de produção do saber, que para este pesquisador é um caminho possível para tornar a ciência, de fato, potente e livre de academicismos, que se baseiam tão somente em conceitos representação, enquanto que a proposta cartográfica busca os conceitos vivência, sendo o pesquisador também um cartógrafo, e também, segundo Rolnik (2007), um antropófago. Os processos de produção de vida e de mundo se dão pelos sentidos que atribuímos a eles. O real vivido é validado por nós por meio das afetações, que constituem a realidade de como pensamos, somos e agimos. A proposta não prevê a objetificação das pesquisadas, despindo-se da verticalidade de produção a partir de uma superioridade de olhar acadêmico de análise. Nada é estanque na produção das vidas e dos mundos, mas processual. Não há começos e nem fins, mas caminhos. Não há qualquer tentativa de enquadramento ou formatação do que é intrinsecamente processual, que não perca as amálgamas, as ligações imbricadas, as conexões diversas, o rizoma apresentado por Deleuze e Guattari (1995).

Para Moreira (2014), a experiência do vivido é comparada metaforicamente a uma correnteza, que avassala a vida dos participantes do projeto. Toda força das águas correntes, para além de sua composição química, é exatamente o que nos impulsiona, pois a água viva mostra-se repleta de movimentos e conexões. Como se fosse um rio, os movimentos do leito alargam e desviam-se conforme as topografias das territorialidades, muitas vezes acidentadas. Tais rios, comparados à vidas das pessoas T, que por anos foram estancados e tiveram suas águas represadas, podem dar vazão à sua expressividade, em políticas de aparição, que potencialize suas existências e a beleza de vidas vivíveis em suas intensidades: “Nos terrenos mais acidentados é que nascem as cachoeiras, só neles”, destaca Moreira, em sua tese (2014).

CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação e arte contra hegemônicas produzidas pelos copos das travestis e mulheres transexuais, apresentados no artigo, revelam construção de disrupturas discursivas em processos de desenquadramentos dos moldes e molduras que o cis-tema impõe sobre os corpos a fim de normalizá-los e normatizá-los. Essas produções se performances de sua performatividades de sexualidade e gênero, deslocam o sistema de representação e amplia a representatividade dos corpos considerados dissidentes, criando novas possibilidades de discurso em processos de visibilidades em aliança, em

resistências potentes de subversões da dobra fracasso/sucesso, numa inversão do que era considerado pelo sistema colonizador como frágil, escória, queer; que se coloca em performance como potência de suas dissidências desencaixadas. São corpos que fazem dos não recebidos pela vida afora, em novas possibilidades discursivas de sim, outras possibilidades e alternativas utópicas de modos outros de existências e de mundos inclusivos, em que todas as vidas sejam consideradas em suas singularidades e diferenças. Não há porque sofrer com as caixas que não cabem aos corpos dissidentes, mas transformar essas expulsões do mundo tido como normal em potência transformadora, subversiva, que revele que o fracasso não é dos corpos, mas do sistema colonizador e falido, que não dá conta de todos os corpos, de todas as vidas em suas diversidades e plenitudes.

A comunicação e a arte produzidas pelos corpos possibilitam outros lugares de produção de sentidos comuns e mundos possíveis, a partir das lógicas do fracasso, segundo o teórico queer, Jack Halberstam (2020), que subvertem as normas, proporcionando oportunidades “de usar essas emoções negativas para espetar e fazer furos na positividade tóxica da vida contemporânea”, dando um basta na falácia da meritocracia. Estas novas produções artísticas e comunicacionais subvertem os enquadramentos dos corpos considerados fracassados, abjetos, dissidentes, mal sucedidos.

As produções contra hegemônicas ofertam novas possibilidades de narrativas, a partir das potências existenciais dos corpos T, suas diferenças, suas contribuições, utopias e alternativas, além de ampliarem os volumes da diversidade dessas vozes, para confrontarem “as iniquidades grotescas da vida cotidiana” (HALBERSTAM, 2020).

Em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, “inadequar-se”, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais cooperativas, mais surpreendentes de ser no mundo. Fracassar é algo que pessoas queer fazem e sempre fizeram excepcionalmente bem. (HALBERSTAM, p. 21, 2020)

A comunicação popular e comunitária (PERUZZO, 1998), a produção de arte democrática, são dispositivos importantes de acessibilidade e participação, com a disponibilização de tecnologias e parcerias necessárias para realização das novas discursividades. A contra hegemonia presente nos pressupostos da comunicação e da arte empregados, revelam as narrativas histórias das travestis e mulheres transexuais, que estavam sendo invisibilizadas, rompendo as lógicas dominantes capitalísticas (MIANI,

2011) de pontos de vista colonizadores, elitistas, brancos e heterocisnormativos. Os conteúdos são emancipadores das relações de poder que as oprime e mata.

Nesses processos do fazer comunicação e arte de forma popular, comunitária, democrática e participativa, é fundamental o “fazer com”, vigiando-se sempre com relação à herança colonizadora, neoliberal e um tanto fascista, do “fazer por” ou do “fazer para”. Para a participante dos projetos *É Babado. Kyrida!* e *Meu Amor, Londrina é Trans e Travesti*, Melissa Campus, uma das protagonistas dos processos de midiatravismo (MOREIRA, 2020): “o microfone aqui mudou de mão, está em nossas mãos agora. Cansamos se ter tratadas como ratinhos da academia”. Declaração realizada na noite de lançamento dos podcasts, no ano de 2018. De pesquisadas a pesquisadoras, de entrevistadas a entrevistadoras, de espectadoras a produtoras de comunicação e arte. As travestis e mulheres transexuais não necessitam de ninguém para falarem por elas, nunca precisaram, e cada vez mais vem performando e ganhando espaço nas representações e representatividades de suas pautas junto às mídias.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

BENTES, I. **Economia Narrativa: Do Midiativismo aos Influenciadores Digitais**, in

BRAIGHI et all (orgs). **Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática**. Belo Horizonte: CEFT-MG, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que Importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 1**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

GREEN, J. & POLITO, R. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALBERSTAM, J. **A Arte Queer do Fracasso**. Pernambuco: CEPE, 2000.

MERHY, E.E. **O conhecer militante no sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido**. In: FRANCO, PERES, FOSCHIERA et alls. *Acolher Chapecó*:

uma experiência de mudança do modelo assistencial, como base no processo de trabalho. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MIANI, R. A. **Os pressupostos teóricos da comunicação comunitária e sua condição de alternativa política ao monopólio midiático.** Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 221-233, 2011.

MOREIRA, R. **A comunicação como dispositivo terapeutizante: mais mediação, menos medicação.** Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.

MOREIRA, R. **A reparação histórica e social das protagonistas travestis brasileiras do norte pioneiro do Estado do Paraná: o documentário como direito à construção de novas narrativas na cidade de Londrina.** Anais de Artigos Completos do V CIDHCoimbra 2020 - Volume 7 / César Augusto R. Nunes et. al. (orgs.) [et al.] – Campinas / Jundiaí: Editora Brasília / Edições Brasil / Editora Fibra, 2021. Pag. 47. Série Simpósios do V CIDHCoimbra 2020.

PERUZZO, C. M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

SAEZ, J & CARRACOSA, S. **Pelo cu: políticas anais.** Belo Horizonte: Letramento, 2016.

